

Fareed
Zakaria

O risco da mudança de regime na China

— Estratégia de contenção e deposição defendida pela direita levaria EUA a um caminho arrepiante

O planeta tornou-se um lugar tenso, com a Europa consumida por sua maior guerra terrestre desde 1945 e conflitos continuando a convulsionar o Oriente Médio. Essas tensões poderiam parecer insignificantes, contudo, se uma terceira arena irrompesse — na Ásia, envolvendo EUA e China. As tensões de fato arrefeceram nos meses recentes. Mas há, em Washington, apelos para que isso mude.

Em um ensaio na revista *Foreign Affairs*, Matt Pottinger e Mike Gallagher argumentam que os EUA deveriam adotar uma política de contenção em estilo Guerra Fria em relação à China, uma estratégia cujo objetivo deveria ser uma vitória que encorajaria o povo chinês a “explorar novos modelos de desenvolvimento e governo”.

Pottinger reconheceu em seu programa na CNN que “uma estratégia eficaz dos EUA poderia ocasionar naturalmente alguma forma de colapso do regime”. Pottinger foi o mais

graduado conselheiro de Donald Trump em políticas para a China e Gallagher, um ex-deputado, foi presidente da comissão especial da Câmara sobre a China. Suas visões moldarão o próximo governo republicano.

ESTRATÉGIA. Pottinger e Gallagher alegam que a estratégia de Joe Biden — de administrar a competição com a China — não é suficiente. Os autores acusam Biden de buscar uma política de distensão em estilo anos 70 em relação à China quando deveria buscar uma em estilo Reagan dos anos 80 projetada para pressionar Pequim ao limite. Segundo eles, os EUA deveriam dar boas-vindas a mais tensões com a China.

Trata-se de um ensaio importante porque define a estratégia alternativa proposta por alguns na direita. Ao colocar suas cartas sobre a mesa, Pottinger e Gallagher nos ajudam a entender a natureza irresponsável, perigosa e impraticável de sua política preferida.

A China de hoje é muito pouco parecida com a União Soviética dos anos 70 e 80. A União Soviética era um império artificial, remendado depois da 2.ª Guerra com um modelo econômico decrépito que começou a falhar em meados dos anos 70. A China é a segunda maior economia e a maior nação comercial do planeta. Ao contrário da

China de hoje é pouco parecida com a União Soviética dos anos 70 e 80

economia soviética, totalmente estatizada, a China tem uma mistura entre os setores privado e público. Além disso, 92% das exportações chinesas são produzidas por um vibrante setor privado, incluindo 42% de empresas com investidores estrangeiros. Apesar de seus problemas, a economia da China ainda cresce a cerca de 5% e deverá continuar a segunda eco-

nomia do mundo por décadas.

A economia da União Soviética era isolada, enquanto a da China é integrada ao sistema global. O comércio entre EUA e URSS chegou a vários bilhões de dólares anualmente. O comércio entre China e EUA alcança esses montantes a cada poucos dias. O PIB da URSS se situou em cerca de US\$ 3,2 trilhões em seu auge, aproximadamente 7,5% do PIB mundial. Hoje, o PIB da China corresponde a cerca de 20% do PIB global.

EXTRATIVISMO. A União Soviética era uma economia com base em recursos naturais — uma Arábia Saudita siberiana — obtendo grande parte de seu crescimento de indústrias extrativistas, como petróleo, gás, carvão, níquel e alumínio.

A China é uma potência manufatureira diversificada, com uma indústria de tecnologia de informação cada vez mais sofisticada, atrás apenas dos EUA. Na realidade, olhando para o passado fica claro que, nos anos 70, a economia da URSS já tinha empacado, até receber um último impulso quando os preços globais do petróleo quadruplicaram. Nos anos 80, o valor do petróleo despencou, e então a União Soviética ruíu.

Se os EUA adotarem uma política de contenção, provavelmente se verão sós. A China é a maior parceira comercial de mais 120 países, muito mais que os EUA. E a maioria está ávida para manter boas relações com Pequim. Oitenta e dois por cento dos nigerianos,

por exemplo, afirmam que o investimento chinês foi uma dádiva para sua economia. Até países europeus — os aliados mais próximos dos EUA — deixaram claro que consideram a China parceira tanto quanto rival. O presidente francês, Emmanuel Macron, notou no ano passado que até na pior situação de conflito por Taiwan a Europa deve ter cuidado para não reproduzir a hostilidade americana em relação a Pequim. O chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, foi à China no mês passado esperando aprofundar relações econômicas entre os países.

Estratégias americanas para mudanças de regime raramente funcionaram. Pense em Cuba, Venezuela, Coreia do Norte e Afeganistão. E dificilmente funcionarão desta vez, especialmente em um país como a China, onde o regime recebe crédito pelo progresso econômico. Após décadas de pobreza e miséria, o salário médio cresceu em nove vezes na China de 1978 a 2015.

Por causa do tamanho da China e de seu envolvimento com o mundo, uma estratégia de contenção e deposição levaria os EUA a um caminho arrepiante. Um confronto arruinaria a economia global, arriscando isolar os EUA e aumentando as chances de uma guerra mundial por Taiwan. É melhor pensar seriamente antes de escolher esse caminho. ● TRADUÇÃO DE

GUILHERME RUSSO

É COLUNISTA DO “WASHINGTON POST”,
PUBLICADO NO “ESTADÃO” AOS SÁBADOS

Para contato com o CRECISP, acesse o link:
atendimento.crecisp.gov.br

Informe Publicitário

COLUNA CRECISP

Corretagem imobiliária: um campo dinâmico e desafiador

Atuar no mercado imobiliário e realizar o sonho da casa própria de centenas de famílias tem, cada vez, mais, despertado o interesse, tanto daqueles que estão escolhendo uma profissão como de novos empreendedores com a intenção de abrir uma imobiliária.

A corretagem vem, ao longo dos anos, se transformando em uma opção segura, em que a paixão pelo serviço ao cliente se une ao conhecimento do mercado e à habilidade de negociação para criar resultados extraordinários. É uma profissão que desafia, inspira e recompensa aqueles que estão dispostos a se dedicar ao máximo.

De acordo com dados levantados pelo CRECISP, especialmente no longo da pandemia, houve um crescimento significativo de novos registros no Conselho. Há três anos, foram concedidas 21.746 credenciais Pessoa Física e 3.167 Pessoa Jurídica. Em 2022, os números saltaram para 22.306 PF e 3.138 PJ. No ano passado, foram inscritos 18.630 novos corretores de imóveis e 2.990 imobiliárias. E para 2024, as expectativas seguem positivas: os primeiros quatro meses do ano já registraram 5.218 novas inscrições PF e 847 PJ.

Segundo a Pesquisa CRECISP, que mapeia o mercado imobiliário de venda e locação de imóveis usados em todo o Estado, após começarem o ano em baixa, as vendas de casas e apartamentos usados registraram aumento de 18,11% em fevereiro na comparação com janeiro. Com esse resultado, o acumulado de 2024 chegou a 11%, de acordo com levantamento feito com 764 imobiliárias de 37 cidades paulistas. Isso, certamente, motiva novos profissionais a ingressarem na carreira, estimulados pelas oportunidades de bons rendimentos e flexibilidade no horário de trabalho.

O CRECISP conta, atualmente com 183.421 corretores inscritos e 27.140 imobiliárias espalhadas pelo Estado, um contingente de profissionais que buscam a ética e a capacitação no assessoramento de compradores, vendedores, locadores e locatários do mercado imobiliário.

Os que se inscrevem se colocam no centro das histórias de vida das pessoas, desempenhando um papel fundamental na realização de seus objetivos e aspirações. Essa é uma profissão que exige paixão, perseverança e empatia, mas também oferece gratificação incomparável ao ver sorrisos de felicidade estampados nos rostos daqueles que encontram o lugar perfeito para chamar de lar.

SOS Rio Grande do Sul

O governo gaúcho reativou a conta “SOS Rio Grande do Sul” para receber doações via Pix, que serão revertidas a donativos para as mais de 70 mil pessoas afetadas. Qualquer quantia ajuda!

“SOS Rio Grande do Sul” — PIX: CNPJ 92.958.800/0001-38 — Banrisul

Diplomacia

Brasil e Japão fecham acordos ambientais

LUÍZ HENRIQUE GOMES

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o premiê do Japão, Fumio Kishida, assinaram ontem acordos bilaterais para aumentar a cooperação em economia verde e transição energética.

Lula recebeu Kishida no Palácio do Planalto, na primeira viagem do premiê à América do Sul desde o início do seu governo, em outubro de 2021. O encontro também encerra um hiato de uma década sem visitas de um líder japonês ao Brasil.

Na reunião, eles discutiram o aumento do comércio entre os dois países e temas relacionados à tecnologia limpa e às reformas de governança global.

Os acordos englobam áreas de agricultura sustentável, recuperação do solo, segurança cibernética e comércio exterior. Lula trabalha para a abertura do mercado japonês para a carne bovina brasileira.

REFORMA. Na declaração à imprensa, Kishida declarou que continuará trabalhando pela reforma do Conselho de Segurança da ONU, velha bandeira da diplomacia do Brasil. Segundo o japonês, a reforma será tema do G-4, aliança formada em 2005 entre Brasil, Japão, Alemanha e Índia, que demanda assentos permanentes a esses países.

Kishida viajou em seguida para Assunção, no Paraguai, mas retorna ao Brasil hoje para uma série de atividades em São Paulo. ●

PARTE DO CONTEÚDO DESTA PÁGINA
FOMENTADO POR: 11 904 2718-8604
CONTATO: 050 3012-4100

P pressreader